

Fl. 100
4410

Biblioteca Agrícola Popular Brasileira

EDITADA SOB A DIREÇÃO DO CONDE AMADEU A. BARBIELLINI

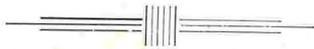
Sobre a Criação dos Pitús

(Camarão ou Lagosta de agua doce)

2.a NOTA

- Trabalho do Instituto Osvaldo Cruz -
pelos Drs.

H. B. Aragão - J. C. Penido
e Cicero Moreira



Separata da
CHACARAS E QUINTAIS

S. PAULO

66 (6) 41 - 43 1942

Sobre a Criação dos Pitús

(Camarão ou lagosta de agua doce)

2.^a N O T A

(Trabalho do Instituto Osvaldo Cruz)

(E S P E C I A L)

Depois que publicamos nossa primeira nota sobre o assunto (CHACARAS E QUINTAIS de 15-11-41) temos completado algumas observações a respeito destes crustaceos que agora desejamos divulgar aproveitando o ensejo para reforçar alguns dos fatos anteriormente assinalados.

Corroboranáo nossas informações anteriores, continuamos a pensar que as condições primordiais para se obter boas criações de

risco na água. Os camarões se criam em águas turvas e lamosas mas é especialmente nas águas límpidas que eles preferem e onde se os pode observar bem. Quanto a alimentação, os pitús são muito vorazes e comem de tudo, arroz cozido, restos de comida, carne e vísceras de pequenos animais, minhócas, insetos aquáticos, rãs e peixinhos, especialmente barrigudinhos dos generos *Poecila*, *Lebistes* e outros de pequeno porte, pão, etc.



Foto 1

pitús são: um ambiente favoravel á sua vida e uma alimentação apropriada e suficiente para eles. Por bom ambiente entendemos poços, tanques ou lagos que não precisam ser grandes demais e podendo ser simplesmente cavados na terra ou cimentados, mas que não tenham uma camada liquida de mais de 30 a 50 centímetros na parte mais profunda, e onde haja muitas plantas aquáticas, muitos peixinhos pequenos (*Lebistes* ou *Poecilas*) e insetos aquáticos e numerosas tocas para abrigo dos pitús e um filete d'água para renovação da massa liquida. Convem revestir de uma pequena camada de areia o fundo do tanque ou poço em que se pretende criar os pitús e se o local não é calcareo, pode-se, de mês em mês, jogar umas colheres de cal de ma-

Quando os pitús estão habituados a receber rações alimentares, mesmo que se coloquem os alimentos na água sem se fazer qualquer ruido, eles logo pressentem e saindo das tocas em que estão abrigados, vem busca-los sem demora e, cada camarão que consegue o seu bocado, vai come-lo tranquilamente nalguma toca ou nas raizes da vegetação aquatica existente no local, evitando que seus irmãos lhes tirem os bocados de que estão de posse. E' de boa pratica manter nos tanques e valas de criação, muitos peixinhos pequenos que não prejudicam os pitús e servem-lhe de alimento. No Jardim Botânico ha até carás nos lagos em convivencia com os pitús mas eles devem destruir certamente muitos destes especialmente quando pequenos. Alem dos peixinhos, insetos aquáticos e outros animais existentes nos tanques e valas em que se criam pitús, convem dar-lhes 1 a 2 vezes por semana qualquer dos alimentos acima referidos, mas nunca em quantidade demasiada para que não fiquem resíduos que apodrecem e poluem a água dos locais de criação.

Devido ao ambiente favoravel e a alimentação abundante e apropriada de que dispõem nossas criações de pitús, em Mangunhos, estão prosperando, já as feitas em tanques, quer nas valas, com cerca de metro e meio,

nas quais dispuzemos barragens de taboas destinadas a reprimir a água em uma camada de 20 a 30 centímetros na parte mais funda delas (foto 1). Nessas valas colocamos tijolos com orifícios grandes para abrigo dos pitús e nelas se tem desenvolvido abundante vegetação aquática (principalmente *Lemnas*, *Salvinias* e *Pistias*) e são abundantíssimos os *barrigudinhos*, os insetos aquáticos, existindo ainda algumas rãs que, quando pequenas, não escapam a voracidade dos pitús mais desenvolvidos. Os pitús têm crescido rapidamente nestas valas e exemplares de 6 a 7 centímetros colocados há 6 meses, se apresentam hoje com o tamanho de 15 cms. e o volume de um grande camarão marinho. Nessas valas corre quase sempre um pouco d'água, mas as interrupções que as vezes ocorrem, no seu abastecimento, não parecem prejudicar os camarões que aí vivem.

Ha 8 meses iniciamos observações sobre pitús num tanque de 2x3 metros, ao nível do solo cavado numa rocha saibrosa existente perto do nosso laboratório, cujos bordos foram feitos de tijolo revestido de cimento e que está num local bastante protegido do sol. A profundidade máxima deste tanque é de cerca de 50 cms. e nas bordas não excede a 5 cms. Caixilhos de tela, de 1,5 cm. de diâmetro, protegem os pitús contra ataques de animais daninhos e impedem a sua saída dos tanques quando chove ou ha um transbordamento, não sendo raro que, em tais condições, eles caminhando pela terra úmida se mudem de um local para outro (foto 2). Nesse tanque a água é propositalmente pouco renovada, permanece límpida, e está abundantemente povoada de *barrigudinhos* e coberta de plantas aquáticas (*Salvinia* e *Pistia*). Uma a duas vezes por semana estes camarões recebem alimento geralmente constituído por carne e

vísceras de cobaías e camundongos brancos, rãs, pão ou arroz cozido. É um espetáculo interessante vê-los sair de suas tocas para virem buscar os apetecidos bocados que chegam a tirar confiadamente de nossa mãos, sempre muito atentos a que algum compa-

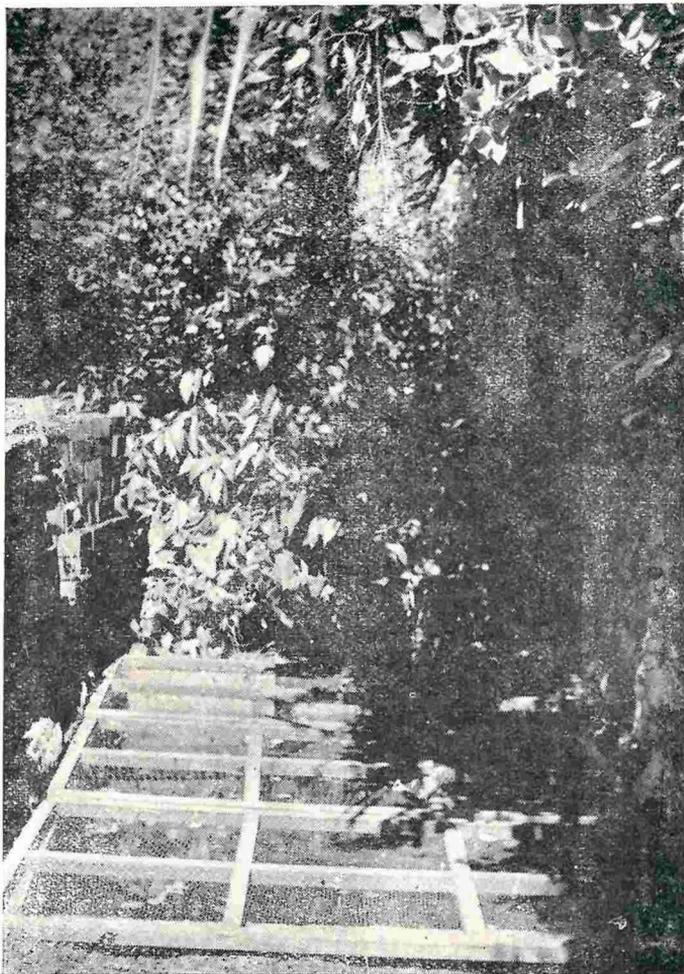


Foto 2

nheiro não lhes roube o bocado de que já estão de posse.

Neste tanque em geral os pitús se desenvolveram bem, mas é notável que alguns exemplares tenham atingido desenvolvimento extraordinário e bastante rápido em cerca de 8 meses. Os maiores exemplares colocados nesse tanque mediam 10 cms. e pesavam 90 grs. e tinham 1,5 de diâmetro. Os exemplares

grandes medem hoje 17 cms. de comprimento da cauda à extremidade das pinças, têm 3,5 cms. de diâmetro e pesam 120 grs. (foto 3). Esse rápido e notável desenvolvimento dos pitús por nós observado é de grande interesse pois acresce ainda mais o valor econômico dos pitús tornando sua criação de grande possibilidades praticas, pois o que se sabe a respeito dos camarões e lagostas marinhas é que o seu desenvolvimento não é muito rápido. Uma diferença que notamos nas criações dos pitús em tanque e em poços e valas é que

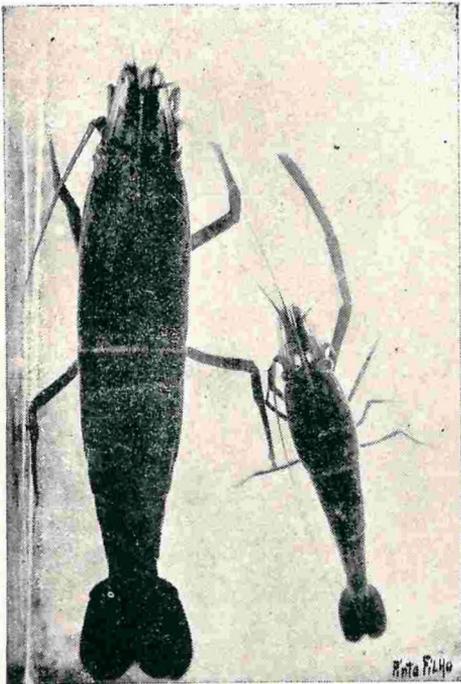


Foto 3

no primeiro não observamos formas ovadas senão de fevereiro a abril, ao passo que nos segundos ha exemplares com ovos, em qualquer época do ano, assim como também exemplares muito novos originarios desses ovos. Aliás, uma condição que favorece a criação dos pitús é justamente o fato desse precoço desenvolvimento dos ovos, o que assegura uma multiplicação rápida do crustaceo.

Um problema que desejamos agora abordar é o do transporte dos pitús de um ponto para outro, deante de pedidos que nos têm chegado a Manguinhos. De um modo geral é aconselhavel o transporte de exemplares pequenos, de 1,5 a 3 cms., porque estes suportam melhor a viagem do que os grandes, não se devendo

colocar numerosos exemplares num mesmo recipiente. Uma lata de querosene cheia até $\frac{2}{3}$ com água e com bastante plantas aquáticas, pode facilmente levar 3 duzias de camarões pequenos. Assim eles já foram levados até Itaipava, Pedro do Rio, Secretario e Juiz de Fóra. Para São Paulo, conduzimos perfeitamente 8 exemplares entre $1\frac{1}{2}$ a 3 cms. num vidro hamburguês de litro e meio com muitas plantas aquáticas (*Pistias*) mergulhadas nagua e tendo o gargalo coberto por papel em que se fizeram orificios para o arejamento. Eles só foram passados para um aquario depois de mais de 24 horas de sairem do Rio. Assim o transporte dos pitús parece não oferecer dificuldades mesmo para distâncias maiores, desde que se cuide de conduzi-los em boas condições e se usem exemplares pequenos.

Nosso objetivo ao divulgar os fatos que acima acabamos de narrar, é justamente o de interessar os fazendeiros e possuidores de granjas, na criação das nossas lagostas de água doce que certamente virão a ter, no nosso país, uma grande importância prática e econômica como já o é a da carpa, a dos peixes de S. Francisco e Amazonas nos açudes do Nordeste etc.

Queremos ainda assinalar que os camarões de água doce são comuns em todos os rios e riachos da zona costeira do Brasil e que, se as vezes sua presença é ignorada, deve-se a não serem muito abundantes em certos riachos e viverem em tocas e debaixo das pedras ficando por isto invisiveis durante o dia. Os meninos que pescam nos riachos, geralmente os conhecem muito bem e se divertem com eles. No Rio de Janeiro eles são abundantes, em qualquer correjo; em São Paulo nós os observamos em Santos e num correjo no lugar chamado Agua Fria, em Perú. O seu *habitat*, porem, se estende desde a America Central e as Antilhas até a Republica Argentina, de modo que não ha dificuldade em obte-los em qualquer lugar para iniciar criações, bastando procura-los sobre tudo nos riachos e correjos pequenos, de águas claras, nas tocas e debaixo das pedras, especialmente nos remansos. Também se pode atraí-los para fóra de seus esconderijos com iscas de carne, bacalhau, vísceras de animais, etc., eles caem também facilmente nas armadilhas feitas para apanhar peixes pequenos.

A secção de hidrobiologia do Instituto Oswaldo Cruz dará qualquer informação sobre o assunto aos interessados que queiram a ela se dirigir diretamente ou por intermedio de CHACARAS E QUINTAIS.

Rio de Janeiro, 25-4-42.

Drs. Henrique B. Aragão, J. Carlos
Penido e Cicero Moreira.